O COTIDIANO EM FRISO: MORANDI EM LONDRES

Marcos SILVA*

Os museus britânicos Tate Modern e Estorick apresentam, até 12 e 26 de agosto de 2001, respectivamente, as exposições “Giorgio Morandi” e “Giorgio Morandi – The Collector’s Eye”. Foram importantes oportunidades para se reavaliar imagens que podem sugerir, a princípio, uma falsa idéia de uniformidade ou monotonia. Uma fonte para esse juízo equivocado é seu universo temático aparentemente restrito: naturezas mortas, flores, paisagens. Junto com isso, o espectro cromático de Morandi é marcado por extrema sutileza, expressa na obsessiva exploração de infinitos tons de poucas cores, o que também se verifica em desenhos e gravuras em preto e branco. Por fim, outro angustiante elemento se apresenta para a apreciação crítica do artista: sua produção foi contemporânea de duas guerras mundiais, indicando uma Itália – e um mundo! – duramente fustigada/o. Como entender o olhar desse pintor, aparentemente imperturbado, num contexto tão tenso? Suas tolas declarações de fé no fascismo italiano, em 1928, explicam algo daquela visualidade?

É preciso pensar cuidadosamente sobre as poéticas visuais de Morandi para superar erros contidos numa eventual primeira abordagem de sua produção. Ao invés de limites em tema e cor, ele apresenta o percurso de dificuldades – e triunfos – para se atingir o mundo da concisão plástica, muito diferente de “simplicidade”.

Cabe salientar uma primeira dimensão de seu elenco de assuntos: de

* Livre-Docente e Professor de História Social e Arte na FFLCH/USP, autor de *Prazer e Poder do Amigo da Onça*, pela Editora Paz e Terra, dentre outros livros.

maneira muito particular, ele evidencia uma busca permanente de conteúdos que também são formas, dando continuidade ao trajeto plástico moderno de abolir hierarquias temáticas (na pintura acadêmica: história, mitologia, religião, costumes, retrato, paisagem, natureza morta) e dialogando com a problemática da representação a partir de um viés próprio. Sem pretender chegar ao abstrato pleno, pois os referenciais continuam identificáveis, Morandi demonstra como um assunto plástico configura e resolve problemas visuais. Daí, a aparente repetição temática ser oportunidade para delicadas reflexões sobre planos e tons, fazendo dialogarem referenciais, luzes e jogos de composição, ampliando a educação do olhar do artista e do espectador.

O último aspecto merece especial atenção nessa obra tão precisa: diferentes elementos presentes no espaço pintado, desenhado ou gravado (os objetos, suas faces de luz e sombra, o enquadramento do conjunto, o trabalho com a cor e as texturas) estabelecem tensas harmonias, fazendo evocar um procedimento quase musical de articular partes de um todo. Não é fortuita a presença de margens delimitadas em muitas das naturezas mortas, dando início a um pensamento sobre gamas de cores: o conjunto de seu trabalho evidencia essa preocupação com uma consciência de lugares, fazendo dialogarem explicitamente o espaço pintado e aquele de onde se o elabora como pintor ou apreciador.

Junto com o rigor de composição, é igualmente importante nessas imagens o rumo da pincelada, do traço ou da marca de gravação, sempre exclusivos de cada quadro, desenho ou gravura, evidenciando o caráter de acontecimento único de um olhar e de sua transfiguração – e posterior decodificação – no plano produzido plasticamente. Nesse sentido, ao invés de alheio ao tempo de guerras, Morandi se revela um observador absolutamente atento no que esse elemento possui de menos palpável, porque extremamente fugidio: seu caráter de experiência irrepetível, sua presença numa trajetória única de vida – o que convida a pensar, dentre outras coisas, na responsabilidade de cada ato humano.

Daí, o artista dividir com seu público a necessidade de refletir sobre

os aparentemente mesmos objetos e lugares como fontes de novas e novas descobertas. Daí, a disposição habitual dos objetos nas naturezas mortas constituir aventuras para o olhar através de suas tão delicadas definições de planos, que a mão e o olho desse pintor constroem para nossa interpretação.

O conjunto das naturezas mortas de Morandi traz para quem as vê a surpreendente sensação de contemplar composições em friso, destituídas de sua tradição alegórica, mitológica ou histórica: bules, garrafas, copos e lamparinas substituem o que, antes, fora mundo de heróis, divindades e seres similares. Esse gesto de Morandi é muito significativo enquanto construção de olhar próprio ao homem do século XX, como se nos mostrasse o conturbado e único mundo que temos, merecedor de nossos zelo e admiração, faces de nossa auto-preservação.

Há muita coisa por trás, ao lado e na frente desses referenciais como, de resto, os gêneros pictóricos natureza morta e paisagem sempre abrigaram na plástica ocidental, dos holandeses do século XVII aos ingleses de fins do século XVIII e início do XIX, passando por impressionistas e seus companheiros de viagem (Van Gogh e Cézanne, por diferentes caminhos) e chegando aos cubistas, fauvistas e expressionistas, indo muito além de vazios itens decorativos com que foram, por vezes, confundidos.

Em meio a guerras, totalitarismos e seus sucedâneos mais recentes, diferentemente de suas desastradas falas políticas de 1928, o fazer visual de Morandi representa muito para o homem dos séculos XX e XXI se ver e ser visto por seus pósteros.